

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: "Educação médica em tempos de pandemia"

Mariana Bteshe

Coordenadora do projeto de extensão

Elisa Hypólito Montovani, Willian Alves dos Santos, Lawrence Brito de Assis, Alexandra Candido Rosa Nogueira, Pamela Fernandes Silva de Freitas, Mariana Regazzi Ferreira da Silva, Anna Beatriz de Aguiar Araújo, Thiago Fillip Almeida Pontes, Isadora Fiaux Lessa, Mayara Neto da Silveira

Acadêmicos do curso de medicina UERJ

projetoexistencias@gmail.com

(R)existências: humanidades, alteridade e novos diálogos na formação médica – Ações na pandemia da Covid-19

Somos (R)existências: um projeto de extensão do curso de medicina da UERJ, que busca aproximar universidade e comunidade a fim de fomentar a reflexão sobre o papel social do médico. Queremos que a universidade possa dialogar de fato com a comunidade, e que as vozes desta adentrem no cenário universitário, para além dos "feudos" que já tradicionalmente efetuam tal troca. Nossa aposta é conseguir construir uma ponte entre esses dois ambientes, que há muito já deveriam estar integrados, sobretudo no que diz respeito ao ensino médico como um todo. O reconhecimento dessa necessidade se deu quando nos deparamos com um curso que somente reproduzia um processo de invisibilização de temas. Assuntos negligenciados que, inclusive, fazem parte não somente da população assistida pelo SUS, mas como da própria história e da identidade de seus estudantes. Ainda estamos no início e muito precisa ser feito. Convidamos a todos a nos conhecer e a nos inspirar para que possamos ser melhores e mais atuantes.

História

Inicialmente, éramos o Departamento de Humanidades do Casaf, centro acadêmico da faculdade de medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tal departamento, mais conhecido como DepHum, foi fundado em 2018 por um aluno da gestão do centro acadêmico após vivenciar uma fala elitista e racista de outro membro da gestão: *o centro acadêmico está aqui para trabalhar para o aluno médio de medicina e ele não é do coletivo de estudantes negros*. Essa fala determinou que algo estava errado naquela gestão, a qual deveria representar **todos** os alunos.

Então, aquele discente, com auxílio de outros cinco estudantes de medicina (não integrantes da gestão), fundou o DepHum. Suas funções direcionavam-se às questões das minorias sociais nos múltiplos cenários de resistência da

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

sociedade contemporânea, abordando as influências históricas e suas vertentes relacionadas ao ensino e à saúde. Priorizou-se a abordagem de assuntos importantes e, até então, negligenciados na formação acadêmica em medicina nacional, como a saúde da população negra, da comunidade LGBTQIA+, da mulher e suas especificidades sociais, das pessoas com deficiência, dos indígenas, entre outros temas, tornando-se um espaço amplo de troca de conhecimento e representativo dentro do centro acadêmico.

Ainda em 2018, o DepHum realizou o *I Simpósio de Invisibilidades em Saúde da Comunidade LGBTQ*, que contou com temas como: estereótipo e invisibilidade bissexual; invisibilidade da mulher negra e não heterossexual dentro do movimento LGBT+; especificidades em saúde de lésbicas e mulheres bissexuais; vivências de uma estudante trans na faculdade de medicina; entre outros. No mesmo ano, foram feitos grupos de estudo e rodas de conversa sobre a temática LGBT+, assunto esse que é uma lacuna nos currículos de medicina. Como desdobramento no simpósio, o tema foi abordado em Conselho Departamental, feito importante em que as demandas de alunos LGBT por assuntos de saúde LGBT+ na graduação foram ouvidas por professores e coordenadores. A partir dessa experiência, foi publicado um artigo de relato de experiência em junho de 2020 em revista multidisciplinar.

Em 2019, construiu-se o *I Simpósio de Saúde Integral à Mulher: da construção do papel de gênero às implicações orgânicas e sociais* em conjunto com o coletivo de mulheres, mulheres do coletivo Negrex e a Liga de Saúde da Mulher (Lasmu) após realização de atividades voltadas às questões do “ser mulher”, como a roda de conversa sobre “O que é ser mulher?”, gerando o evento como desdobramento desses encontros. Outra atividade realizada foi a roda de conversa *A saúde indígena nas aldeias e no contexto urbano*.

No mesmo ano, aconteceram eleições para o centro acadêmico, e a chapa eleita extinguiu o Departamento de Humanidades com a justificativa de que não havia obtido resultados satisfatórios, mesmo com toda a conquista que o departamento trouxe à comunidade acadêmica. Acreditando no oposto, e indo contra os obstáculos impostos pela nova gestão, os integrantes do extinto DepHum persistiram, reunindo suas ideias e transformando o DepHum, no ano de 2020, em um projeto de extensão denominado **(R)existências: humanidades, alteridade e novos diálogos na formação médica**, com orientação de uma professora da disciplina de Psicologia Médica.

O Projeto

O projeto (R)existências tem a pretensão de ampliar as ações para além dos muros da universidade, aumentando a compreensão da noção de humanidades e incluindo as contribuições teóricas e metodológicas das ciências humanas, sociais e artes para a formação médica. Considera urgente a abordagem de temas subvalorizados pela formação acadêmica, pelo Estado e pela sociedade, assim como o reconhecimento da educação médica como instrumento de intervenção social.

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

Ao aproximar a universidade dos territórios, de grupos invisibilizados e de suas demandas sociais, espera-se proporcionar aos estudantes ferramentas para uma formação crítica, reflexiva, ética e humanística que contribua tanto para sua vida pessoal como para sua futura atuação como profissional médico.

Atua com a abordagem de metodologias participativas e dialógicas, com a utilização de conteúdos sociais e de temas das populações minoritárias em saúde. Além de abordar esses assuntos em reuniões de debate, leitura de textos de ativistas e de artigos de estudiosos de várias áreas de interesse com os alunos que compõem o projeto, utiliza as mídias sociais como um canal de propagação do saber e do conhecimento para toda a comunidade, seja ela acadêmica, seja ela a população em geral, por meio de um diálogo de fácil acesso e compreensão.

Para este ano, o projeto apresentou a intenção de levantar demandas referentes ao assunto “humanidades, acessibilidade e saúde” e realizar um curso de capacitação em libras para estudantes, docentes e profissionais de saúde, propostas que tiveram de ser adiadas.

Na pandemia

O cronograma do projeto divergiu do momento de isolamento social que se tem vivenciado com a pandemia da Covid-19. Observou-se, com o decorrer do isolamento, que inúmeras demandas sociais, políticas, econômicas e de saúde emergiram com a pandemia, e o projeto se debruçou sobre essas questões, de modo a produzir materiais aos discentes e à comunidade por meio das mídias sociais.

Com isso, foram abordados assuntos sobre o novo coronavírus e as pessoas com deficiência, visto que essa comunidade apresenta particularidades em relação à pandemia e ao isolamento, principalmente na questão de acessibilidade e disponibilização dos noticiários sobre a Covid-19 em forma de Libras, leitura digital, entre outros. No eixo Covid-19 e os efeitos nas favelas, foram trazidas questões sociais importantes, uma vez que nelas concentra-se a população mais vulnerável em relação ao atendimento médico no sistema de saúde e ao risco econômico durante a pandemia.

No que se refere às pessoas privadas de liberdade, população invisibilizada e tida como à margem da sociedade, as péssimas condições de vida e a alta aglomeração nos presídios representam um grande risco à contaminação pela Covid-19, assunto também versado. Abordou-se, também, a relação entre gênero e isolamento social, uma vez que se verificou um aumento dos casos de violência doméstica nesse período, expondo, assim, possíveis canais de denúncia e apoio à população que pode estar sofrendo com o crescimento da violência.

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”



Postagem em relação ao novo coronavírus e à população em situação de rua trouxe à mostra o real desafio que essas pessoas têm enfrentado na pandemia, uma vez que não têm acesso a meios dignos e igualitários nem de prevenção nem de informação sobre a doença. Outro fator que tem chamado atenção são os danos à saúde mental durante o período de isolamento, cujas complexidades e formas de prevenção foram exploradas.

O agravamento das consequências do racismo estrutural em tempos do novo coronavírus – principalmente no que se relaciona aos subsídios de prevenção, atendimento médico e à vulnerabilidade à alta mortalidade pela Covid-19 – foi abordado em um texto informativo sobre as complexidades vivenciadas pela população negra. Além disso, trouxeram-se temas como o aumento de ingestão de bebidas alcoólicas em tempos pandêmicos, os desafios da testagem ampla no cenário brasileiro, a Covid-19 e as pessoas que vivem com o HIV, população idosa como grupo de risco, população LGBTQIA+ e o novo coronavírus, LGBTfobia em tempos de isolamento social, o desafio da população com doenças crônicas durante a pandemia e a situação dos profissionais de saúde da linha de frente na pandemia da Covid-19.

No âmbito dos desafios enfrentados pelos profissionais da linha de frente, o projeto desenvolveu a ação *Vozes de quem cuida*, com objetivo de dar voz às histórias e experiências dos profissionais da linha de frente que estão invisibilizados no combate à Covid-19, conscientizando a comunidade acadêmica e a população sobre a situação atual da pandemia na saúde pública. Realizou-se entrevista por meio de formulário on-line disponibilizado

Associação Brasileira de Educação Médica
Série de relatos: “Educação médica em tempos de pandemia”

para profissionais de saúde da linha de frente atuantes em diversos cenários de atenção em saúde do Brasil, os quais expuseram suas histórias durante o combate da Covid-19. Tais relatos foram apresentados em vídeos nos quais integrantes do projeto leem as respostas dos profissionais, dando voz a tais narrativas.

Elaborou-se também uma roda de conversa on-line, mediada por um professor de medicina da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), sobre os povos indígenas no contexto da pandemia. O encontro teve, como desdobramento, uma nova série de postagens: “O que sabemos sobre a saúde dos povos indígenas?”, abordando, mais uma vez, um tema invisibilizado pelo currículo. Ademais, foi realizado um grupo de estudo on-line para debate sobre o racismo estrutural, tomando como base a leitura do *Pequeno manual antirracista* de Djamila Ribeiro e o vídeo *Racismo estrutural* de Silvio Almeida e Djamila Ribeiro.

Salienta-se que o cenário da pandemia e a necessidade de isolamento social exigiu adaptação das atividades, tomando-se a mídia social como ferramenta útil no que se refere à manutenção do diálogo, da troca de conhecimento e da multiplicação do saber às comunidades variadas. Tais atividades agregaram ao conhecimento acadêmico dos estudantes envolvidos, do ambiente universitário no qual se inserem e da comunidade extramuro da instituição.

Contatos do projeto

E-mail: projetoexistencias@gmail.com

Conta no Instagram: [@_r_existencias](https://www.instagram.com/_r_existencias)

Perfil no Facebook: [Rexistências MedUerj](https://www.facebook.com/Rexistências-MedUerj)

Canal do YouTube: [projeto r_existências](https://www.youtube.com/channel/UC...)

Recebido: 30 de junho de 2020.